

## GABRIELLE ROY: SUAS RAÍZES E SEU IMAGINÁRIO

Maria Heloisa Tostes  
UFF

*“Quand donc ai-je pris conscience pour la première fois que j’étais, dans mon pays, d’une espèce destinée à être traitée en inférieure?”*

**ROY, Gabrielle:** *La Détresse et l’enchantement*

O objetivo desta comunicação é traçar um curto esboço da obra de Gabrielle Roy, escritora canadense ainda pouco conhecida no âmbito dos estudos literários em nosso país. Na verdade, o trabalho de Roy, ao elaborar a transposição das raízes vivenciais da autora, mesclando história e imaginário, ultrapassa os limites da ficção e aproxima-se do que hoje constitui um *leitmotiv* em pesquisas literárias: a ampliação do papel da literatura para além das fronteiras da arte, de forma a permitir o encontro de diferentes disciplinas que pensam homem como agente modificador da sociedade.

A escritora nasce em 1909, em *Saint-Boniface*, na província de *Manitoba*. Para esse vilarejo de língua francesa, hoje um subúrbio de *Winnipeg*, vieram se estabelecer diferentes grupos de imigrantes franceses chegados do Quebec, da Europa e de outras partes do mundo. Podemos, pois, pensar que a autora viveu a história longa e complexa das influências recíprocas entre europeus e canadenses. Na verdade, esses povos ainda não se misturavam como veio a ocorrer nas últimas décadas. Uma forma de compreender as diferenças reside na maneira como as diversas culturas se confrontam. Surgida desse contexto, a escrita de Gabrielle Roy não só traz à luz verdades até então não apontadas, como configura uma nova e impactante linguagem na literatura contemporânea do Canadá. Os retratos étnicos que encontramos em sua obra são objeto de estudo da crítica que os relaciona ora a uma preocupação de caráter redentor-humanista, ora ao intuito de transcrever uma época. Na palavra de Roy surgem as mais radicais transformações da

vida. Uma das suas particularidades está em criar novos mundos através da representação de um ser marginal, narrado por um ‘eu’ que se encontra igualmente num lugar periférico. De origem canadense francesa, a autora teve que mediar a identidade coletiva com a reflexão sobre sua identidade individual, o que faz através de uma arte poética singular. Se, por um lado, o diálogo que resulta daí mostra uma relação estreita entre lembranças e paisagens de sua infância, por outro lado, a descoberta de sua alteridade leva a autora a questionar, incessantemente, sua relação com o outro. Cada história, tanto do texto ficcional, quanto do texto jornalístico, é uma rede de personagens marcados pela diáspora histórica e social. A autora cria um espaço onde múltiplas vozes mostram seu desejo de transformar uma realidade marcada pela ruptura dos laços de identidade e, sobretudo, das tradições culturais.

Vincenza Costantino<sup>1</sup> de quem tomei emprestado o título desta comunicação esclarece, que o espaço geográfico na literatura de Gabrielle Roy se reveste de múltiplos sentidos e algumas vezes pode até constituir uma das principais razões da obra literária. Quando se fala em paisagem, nos reportamos sobretudo à paisagem/território. No entanto, na medida em que paisagem pode significar ao mesmo tempo um recorte de espaço e sua imagem projetada pelo artista, esse conceito pode tornar-se mais amplo. Em Gabrielle Roy por exemplo, imagens como *neige, plaine, vent* não constituem apenas o inventário da realidade, mas servem para marcar a ligação da realidade geográfica com o imaginário da autora. “Le bonheur nous venait comme un vent, de rien et de tout.”<sup>2</sup> Todas as geografias desaparecem na sua palavra. Assim, colinas e planícies não são apenas elementos topográficos: descritos com realismo e ternura servem de *décor* sobre o qual a autora projeta sua paisagem interior.

---

<sup>1</sup> In: *Colloque international “Gabrielle Roy” Saint Boniface*, Presses Universitaires de Saint-Boniface, 1996, p.381-394.

<sup>2</sup> ROY, Gabrielle, *La Détresse et l’Enchantement*, 3<sup>a</sup> ed., Montreal: Boréal, 1984, p.45.

*La Détresse et l'Enchantement*, narrativa autobiográfica centrada no universo feminino, desnuda e amplia, mais explicitamente, essa noção de paisagem para além da geografia. Ao descrever o real, na frase inaugural de sua autobiografia que, aliás, constitui a epígrafe deste trabalho, a autora deixa vazar sua subjetividade, nos permitindo pensar que sem esse fato inaugural não lhe teria sido possível o mergulho na ancestralidade. Com efeito, o questionamento que se formula já nesta primeira frase aproxima-se mais de um impulso criador do que de uma expressão de lamento, como parece à primeira leitura.

Embora a obra de arte não se submeta à prova de falso ou verdadeiro, o elemento de ficção baseado na experiência vivida é uma constante na produção literária de Gabrielle Roy. Episódios de reportagens feitas pela então jornalista, ainda nos anos 40, são recriados em algumas de suas obras de ficção. *Bonheur d'occasion*, por exemplo, seu primeiro romance (1945), surge numa sociedade marcada por transformações sociais e políticas, logo, não é gratuitamente que seu texto reflete o comprometimento com a realidade, ou no caso, com a questão social. O desempenho de Gabrielle Roy no meio jornalístico amplia sua visão política e lhe dá a liberdade, não só de dizer, mas, sobretudo de recriar a partir do real, que lhe serve sempre de ponto de referência.

Diferentemente das narrativas tradicionais, comprometidas com a reprodução do real, Gabrielle Roy utiliza-se da realidade como suporte e trampolim, fazendo uma série de intervenções sobre as diferentes imagens, ou, ainda, criando ambientes ou situações com imagens da paisagem de sua terra natal. Nesse cenário, o poetizável é o imigrante, não o dominador. O não-pertencimento, o desenraizamento, o diferente, antes discriminados pela classe culta, saem do imaginário da autora sob forma de recomeço e renascimento, numa escrita que prioriza a

existência humana no seu cotidiano singular. Os fatos e os personagens reais que circulam na vida da autora servem de matéria prima para a construção do seu universo ficcional.

De fato, a paisagem, condição fundamental de toda representação do mundo real, exerce sobre os artistas canadenses uma enorme sedução. Em função de sua vastidão, remete-os sempre à expectativa ou ao desejo de ultrapassá-la. É porque a geografia do oeste canadense marcou-a tão profundamente que Gabrielle Roy dilui paisagem interior nos personagens sob forma de lembranças do passado idílico na sua província natal: “Pourtant, de tout ce que m’a donné le Manitoba, rien sans doute ne persiste avec autant de force en moi que ses paysages”<sup>3</sup>. A artista deixa-se conduzir por esse território, pisa com cuidado num solo que a encanta e amedronta, e reproduz esses temas de aparente singeleza em cujo rastro se desvelam histórias inteiras. O simbolismo desta caminhada é rico, pois, na medida em que remexe nos fragmentos de histórias da vida, nas várias regiões de um tempo/espço que transcende a narrativa, Gabrielle Roy encontra-se consigo mesma e descobre o seu outro- é essa a condição de sua poética. E as imagens dessa geografia lhe propiciam uma imersão na ancestralidade, na continuidade, na tradição e na temporalidade; interagem com referências simbólicas, físicas e arquitetônicas que a autora encontra durante toda sua vida.

Quase todos os personagens de Roy possuem a nostalgia da infância, nostalgia que, vez por outra, é ligada à natureza. Em *Ces enfants de ma vie*, conjunto de contos, com contornos autobiográficos, a infância desempenha um papel relevante, e os devaneios da narradora/professora Christine estão sempre associados a imagens brilhantes de sua juventude, ou àquelas que se perdem na natureza longínqua de *Manitoba*. Esse apelo à geografia natal, a valores antigos, revela a sede de felicidade de personagens que não estão ligados a um espaço nacional,

---

<sup>3</sup> ROY, Gabrielle, *Fragiles Lumières de la terre: mon héritage du Manitoba*” Montreal: Quin ze, 1978, ,p. 156

mas se entrelaçam na sala de aula. A autora podia escolher a criança apenas como referente para emoldurar sua narrativa, mas preferiu transformá-la em distintivo de sua visão social. Ao penetrarmos no universo ficcional de Roy, podemos observar como as crianças são um símbolo desenvolvido longamente em suas obras.

“Est-il seulement possible de mettre dans un livre le pouvoir enchanteur de l'enfance qui est de faire tenir le monde dans la plus petite parcelle de bonheur? Les images le plus sincères de mes pages, les plus vraies me viennent toutes, j'imagine, de ce temps-là”<sup>4</sup>

A jovem professora em *Ces enfants de ma vie* privilegia o espaço fechado e exíguo da sala de aula, e o torna cenário/paisagem de uma bem-aventurança. Essa sala, obstáculo à comunicação verbal, abre-se para acolher pais estrangeiros movidos pelo desejo de ver seus filhos integrados à nova pátria.

Mais que uma coletânea de lembranças, esse conjunto de contos é a exploração da vida psíquica da narradora que ainda não encontra respostas para suas indagações no momento da criação artística. A narradora tece nesse espaço, os fios da malha tênue feita de biografia, ficção e memória. Na sala de aula existe a possibilidade de uma viagem iniciática onde a criança é a luz que clareia o lado sombrio da identidade da professora. Sem nenhum projeto imediato, e enquanto espera a adaptação das crianças, Christine vê surgirem acontecimentos inusitados no cotidiano da escola. Sua perspicácia leva-a a descobrir qualidades nas crianças que de alienadas da sociedade souberam se aproximar de outras linguagens. Assim é Nil; de família ucraniana, e vivendo em extrema pobreza, soube demonstrar, em sua voz cativante, o poder de recuperar nos

---

<sup>4</sup> ROY, Gabrielle, *idem*, p.151. Caso haja maior interesse sobre lembranças da infância em Gabrielle Roy, sugerimos alguns autores como François Ricard e Marc Gagné que se dedicam a estudos biográficos sobre a obra da autora.

velhos, por alguns instantes, a juventude perdida. “Je ne reconnaissais plus les vieillards. Au soir sombre de leur vie les atteignait encore cette clarté du matin”<sup>5</sup>.

A música passa a ser a nova linguagem e torna-se fonte universal e inesgotável da comunicação:

Dando voz a Nil ou a outras crianças, professora e alunos empreendem uma viagem introspectiva fazendo surgir daí lembranças até então adormecidas no inconsciente.

“Ce n’est pas impunément qu’on retourne aux endroits qui on vus jeunes, dont on est parti un jour avec le naïf désir d’accomplir quelque chose que nuos ferait peut-être mieux voir de notre petite patrie”<sup>6</sup>

A viagem e o exílio voluntários de Gabrielle Roy ao oeste canadense vão suscitar revelações imprevisíveis e surpreendentes em relação a si e ao outro. Não satisfeita em enriquecer sua palavra com paisagens de sua terra natal em *Fragiles lumières de la terre*, Gabrielle Roy correu seu país, mais tarde a Europa e espalhou sua arte em conferências e publicações que lhe valeram uma invejável coleção de prêmios. O processo que marca essa descoberta, naturalmente, é a lenta aprendizagem através da qual a autora logra com sucesso sintetizar os extremos – antes irreconciliáveis- de independência (sua vida pessoal) e de dependência (a nova pátria, a submissão, o trabalho pesado) .

A artista, para quem a noção de identidade está voltada para o futuro, não se cansa de olhar para o antes, bem antes, bem longe, para mostrar que, num mundo essencialmente pluralista, há de se ampliar seus limites. Esse é o grande desafio do pensamento da autora, que vê

---

<sup>5</sup> ROY, Gabrielle, *Ces enfants de ma vie*. 2ªéd., Boréal compact, 1993, p.47

<sup>6</sup> ROY, Gabrielle, *Fragilles Lumières de la Terre*, Montreal: Quinze 1978, p. 103.

a identidade como uma busca não mais atrelada a uma raiz única. Fazendo, desfazendo, tecendo e pintando paisagens, ela revisita e reinventa a memória e mostra a ligação existente entre sujeito/paisagem e sujeito/observador. Nessa “viagem” onde a escritora desenha todo o trajeto de vida de seus personagens, estaria o seu próprio retrato enquanto pessoa e enquanto jovem artista.

Gabrielle Roy soube ser muitas em uma só, como muitas também foram as paisagens que habitaram o seu imaginário. Se é possível pensar o oeste canadense que se estende, se parte e se divide, é possível ver a artista também oscilando, ora cheia de vida, ora irônica e melancólica. Seu texto, se equilibra entre “la peur et une très faible lueur d’espoir”. Escritora e paisagem não possuem mais fronteiras nítidas que as separam. Não possuem mais, por isso, um conceito rígido. Realidade e ficção se mesclam e perdem seus limites. Onde termina a realidade? Onde começa a ficção? Se a questão é histórica, é relevante. Se é estética, não.

## **Bibliografia**

### **1- CORPUS INICIAL**

ROY, Gabrielle *La détresse et l’enchantement*. Montreal: Boreal ,1984.

\_\_\_\_ *Ces enfants de ma vie*. Montreal: Boréal compact 1977.

\_\_\_\_ *Fragiles Lumières de la terre*. Montréal: Quinze, 1978.

\_\_\_\_ *Un Jardin au bout du monde*, Montreal, Beauchemin, 1975 .

\_\_\_\_ *Bonheur d’occasion*. Montreal Boréal .

\_\_\_\_ *La petite poule d’eau*, Montréal, Boreal, 1993.

\_\_\_\_ *Rue Deschambault*.

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BOURBONNAIS, Nicole (1982) “La symbolique de l’espace dans les récits de Gabrielle Roy”  
Voix et images, vol 7, n 2.

HARVEY, Carol J.: Le cycle manitobain de Gabrielle Roy: Plaines, Case Postale 123  
Saint Boniface (Manitoba) R2H 3B4

HUGHES, Terrance: Gabrielle Roy et Margaret Laurence: *deux chemins, une recherche*. Les  
éditions du Blé, Saint-Boniface (Manitoba), 1987

LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte autobiographique*. (Paris, du Seuil, 1975

\_\_\_\_\_ L’autocopie. In: *Colloque de Heideberg. Autobiographie et autobiographie*.  
Paris: Librairie A. G. Nizet Paris 1989

ROBIN, Régine. *Le roman Mémoirel*. Québec: Le prèambule, 1989.

\_\_\_\_\_ .Le golem de l’écriture. De l’autofiction au Cybersoi. En lieu et place de soi

\_\_\_\_\_ .Sortir de l’ethnicité. In: LACROIX, Jean Michel, CACCIA, FULVIO.

\_\_\_\_\_ . *Le Deuil de l’origine: une langue en trop, une langue en moins* [ S. I]

ROY, Gabrielle. Colloque International, FAUCHON, André ( org), Presses Universitaires de  
Saint-Boniface Winnipeg ( Manitoba) 1996 Métamorphose d’une utopie. [ Paris]: Presses  
de la Sorbonne Nouvelle: Editions Tryptique, 1992

SHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das  
Letras, 1996.

SIBONY, Daniel. *Entre Deux: l’origine en partage* Paris: Seuil, 1991.

SING, Pamela V. *Villages imaginaires*: Édourd Montpetit, Jacques Ferron et Jacques Poulin.  
Montréal: Fides/CÉTUQ, 1995.